

## Bolivianos e a servidão

Vítimas de preconceito, trabalhadores estrangeiros ganham entre R\$ 0,50 e R\$ 3,00 por peça de roupa confeccionada **Página 4**



**Voluntariado fortalece a cidadania no País**

Brasil está entre as dez nações com maior número de voluntários no mundo **Página 8**



**A vida dos refugiados sírios em São Paulo**

Guerra Civil já deixou mais de 146 mil mortos em três anos de conflito **Página 3**



**Sampa, capital nacional do sushi**

Cidade tem 600 restaurantes japoneses e produz mais de 400 mil sushis por dia. Mangás e animes também fazem parte do cotidiano dos jovens **Página 9**

**De olho no óleo!**

Cada litro despejado em rios ou lagos polui mais de 25 mil litros de água. Somente 15% do óleo de cozinha é reciclado **Página 5**

**Muito além de “polícia e ladrão”**

Literatura policial brasileira ganha novos escritores e fãs. O jovem Raphael Montes é um dos talentos da nova geração **Página 10**



**A nova revolta da vacina**

Prevenção contra o HPV gera polêmica entre pais, especialistas e professores **Página 6**

**Sede de conhecimento**

Alunos com mais de 40 anos ganham espaço nas universidades brasileiras. Aumento foi de 182% nos últimos 10 anos **Página 11**



## PAULUS: há cem anos a serviço da “cultura do encontro”

Pe. Valdir José de Castro  
Diretor da FAPCOM

A FAPCOM (Faculdade PAULUS de Tecnologia e Comunicação) nasceu com uma missão clara: formar profissionais na área da Comunicação e Filosofia, com capacidade técnica para atuar no mercado de trabalho e também com conteúdos humanísticos, que lhes permitam refletir a ética, aguçar o senso crítico e responder aos problemas sociais e ecológicos do mundo atual.

Acreditamos que a comunicação tem a ver, não somente com as habilitações voltadas à atuação profissional, mas com a realidade humana, na sua globalidade. De fato, sem a comunicação não há relações sociais e nem vida. Aliás, a qualidade das relações humanas dependem da qualidade da comunicação. Muitos problemas na família, no trabalho, na escola, na sociedade, em geral, e aqueles referentes à preservação da natureza, poderiam ser evitados se a comunicação fosse melhor articulada, tanto na relação interpessoal presencial, como na comunicação mediada pelos instrumentos técnicos impressos, eletrônicos e digitais.

Como afirma o Papa Francisco em sua mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunica-

ções sociais, cujo tema é Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro, “os meios de comunicação podem ajudar a sentir-nos mais próximos uns dos outros; a fazer-nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana, que impele à solidariedade e a um compromisso sério para uma vida mais digna para todos. Uma boa comunicação ajuda-nos a estar mais perto e a conhecer-nos melhor entre nós, a ser mais unidos. Os muros que nos dividem só podem ser superados se estivermos prontos a ouvir e a aprender uns dos outros”.

As mídias não existem e nem agem por si mesmas, mas por meio de pessoas, pois estas são o começo e o fim de toda comunicação. A FAPCOM, no ano do centenário de fundação da PAULUS, sua mantenedora, renova o seu compromisso de preparar profissionais que contribuam para a construção de uma sociedade mais justa e solidária, a partir da comunicação. Ela acredita que o estudo e a prática da comunicação numa perspectiva humanística é a saída privilegiada para a melhor qualidade de vida pessoal e social.

## A emergência do pensar

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito  
Pró-Diretor Acadêmico da FAPCOM

Em período de Copa do Mundo e de Eleições no Brasil, quando os ânimos da população se afluam, é oportuno chamar a atenção para um tema pouco explorado na mídia: a necessidade do pensamento. Há um mundo complexo que nos envolve e para o qual devemos debruçar um olhar instigante e profundo.

A tradição filosófica ocidental por algum tempo concebeu o pensamento a partir de uma perspectiva ausente do mundo, como se fizesse parte de uma instância sem nexos algum com a realidade. Ao contrário, como insistiu a pensadora Hannah Arendt, as questões filosóficas nascem das experiências ordinárias do dia-a-dia, como necessidade da razão humana que busca respostas para as suas perguntas e dota a vida de significados.

O pensamento é o meio pelo qual o homem orienta o seu agir no mundo, não pode se furta à realidade tal e qual se apresenta. Mesmo o senso comum pode ser o ponto de partida para o pensar. O senso comum seria uma espécie de sexto sentido que o ser humano possui e pelo qual lhe é possível partilhar com os outros um mundo comum. É a partir dele que o homem pode refletir e compreender a realidade circundante. Nisso consiste a vida política: quando todos interagem uns com os outros, refletem os fatos, discutem e podem tomar decisões li-

vemente. Nisso consiste também o espaço da comunicação, isto é, das interações entre a singularidade e a igualdade que ocorre por meio do discurso. Com palavras e atos nos inserimos no mundo humano. Mundo complexo e fascinante.

Daí a importância da atividade do pensar, para não cairmos, por exemplo, na armadilha dos discursos mediáticos, em que geralmente se falam e se repetem as mesmas coisas até a exaustão, como um saber pré-fabricado a ser consumido pelas massas. O excesso de significado nesse sentido pode anestesiar o pensamento, uma vez que as informações são fornecidas prontas, sem a necessidade de buscar o seu significado.

Pensar é atividade perigosa. Quem pensa passa a ver o mundo com outros olhos. Se o pensamento é um perigo, pois nunca está acabado, mais perigoso ainda é o não-pensar. O pensamento é um aliado nosso para uma realidade melhor, mais humana. Pensando, refletindo o homem é capaz de não somente conhecer, mas de questionar. Exercitando essa capacidade que lhe é peculiar, cada pessoa “sente-se em casa no mundo”. Trata-se de uma empreitada constante e de necessidade urgente em nossos dias, de forma que ninguém saia por aí papagueando preconceitos, receitas ideológicas prontas, ou discursos comprados.

## O valor de um Jornal Laboratório

Profª. Joana Puntel  
Coordenadora do curso de Jornalismo da FAPCOM

As Novas Diretrizes Nacionais para o curso de Jornalismo, homologadas recentemente, pelo MEC, enfatizam fortemente a questão do preparo do estudante para o exercício de sua profissão de jornalista. Na variedade de possibilidades que o curso de jornalismo na FAPCOM disponibiliza está o Jornal Laboratório, onde os estudantes realizam a prática do jornalismo impresso.

Trata-se de passos iniciais que, ao longo do caminho, se aperfeiçoarão, também na medida em que nossos estudantes se habilitam na redação, no estilo, na cobertura de acontecimentos, aqui distribuídos nas várias editorias. Um Jornal Laboratório em progresso que, aos poucos, vai se tornando interesse de todos e, portanto, também de divulgação nos mais diversos bairros e comunidades de onde vêm os estudantes, nas paróquias, nos arredores, nas faculdades. Enfim, é algo “nosso”, que merece a atenção, pois o jornal condensa também várias disciplinas já percorridas pelos estudantes como fotojornalismo, além das técnicas de entrevista e reportagem, redação jornalística, planejamento visual e gráfico entre outras.

Um Jornal Laboratório nosso, para todos!

FAPCOMUNICA

ANO 1 - NÚMERO 2 - JUNHO DE 2014

EXPEDIENTE

FACULDADE PAULUS DE TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO  
Rua Major Maragliano, 191  
CEP 04017-030 São Paulo (Brasil)  
Tel. (11) 0800 709 8707 • (11) 2139-8500  
www.fapcom.edu.br

Direção: Pe. Valdir José de Castro  
Pró-direção Acadêmica: Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito  
Pró-direção Administrativa: Pe. Valdecir Pereira Uveda  
Coordenação do curso de Jornalismo:  
Profª. Joana Puntel

Conselho Editorial:  
Prof. Claudenir Modolo Alves  
Profa. Marcia Regina Carvalho da Silva  
Profa. Marcella Schneider  
Prof. Paulo Regis Salgado  
Prof. Sergio Nesteriuk Gallo  
Prof. Thiago Calçado

Coord. de redação: Profª. Lilian Crepaldi - Mtb 43.315  
Projeto Gráfico: Prof. Maurício Gasparotto - Mtb 22.546  
Revisão: Prof. Claudio Fatigatti  
Equipe de redação: alunos do IV Semestre de Jornalismo (matutino e noturno)

Impressão: Gráfica Paulus  
Tiragem: 4.000 exemplares

**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA**



# Refugiados sírios protestam para lembrar os três anos da guerra

Conflito deixou pelo menos 146 mil mortos, de acordo com informações do Observatório Sírio de Direitos Humanos

\* (Os nomes reais foram alterados a pedido dos entrevistados)

ALANA RODRIGUES

A República Árabe Síria enfrenta, desde março de 2011, uma guerra civil que destruiu a infraestrutura do país e gerou uma crise humanitária regional com pelo menos 146 mil mortos, segundo o Observatório Sírio de Direitos Humanos. Três anos depois, civis ainda procuram refúgios em nações vizinhas ou para qualquer lugar longe dos conflitos.

No primeiro semestre de 2014, refugiados sírios em São Paulo (SP) se reuniram na Praça Oswaldo Cruz, região da Avenida Paulista, para lembrar os três anos de revolução, quando milhares de rebeldes saíram às ruas para exigir mais democracia e liberdade.

Ao som de canções árabes e discursos contra o ditador Bashar al-Assad, eles lembraram de amigos e parentes que ainda enfrentam a guerra. A reportagem do jornal Fapcomunica conversou com eles.

Casado com uma brasileira e pai de dois meninos, Mohamed Rafei\* conta que veio para São Paulo há um ano e meio. Ele morava na cidade de Homs, epicentro do conflito. “Não tive outra escolha”, relata.

Segundo ele, militares jogavam mísseis nas ruas e não deixavam que entrasse qualquer tipo de alimento ou que se comunicasse com parentes.

Ele acentua que foi muito bem recebido no Brasil e, embora o choque cultural seja grande, a adaptação foi fácil, pois já dominava o idioma.



Fotos: Alana Rodrigues

Sírios espalham bandeiras pela Praça Oswaldo Cruz (SP) para lembrar os três anos da revolução no país

“O brasileiro é um povo muito querido. Todos me receberam com o coração aberto”, diz.

A situação, no entanto, não é a mesma de seus amigos. Rafei lamenta que muitos sofrem por não conseguir se comunicar, além de não receber ajuda. Abdullah Keisibi é um deles. Nascido em Aleppo, segunda maior cidade da Síria, ele arisca algumas palavras para expressar sua esperança em voltar para casa. “Só estou esperando a guerra acabar”.

## Interesses

A escritora, jornalista e historiadora Marcia Camargos também acompanhou o protesto. Para ela, que integra a Frente de Apoio ao Grupo Palestino e apoia os rebeldes que querem depor Bashar al-Assad, o conflito sírio é extremamente complexo, uma vez que diversas forças estão em jogo por múltiplos interesses externos. “Se Bashar realmente fosse um patriota e pensasse no povo, a primeira coisa que ele faria era abdicar e deixar o governo”, acrescenta.

Marcia pontua a divisão dos rebeldes. Alguns são ligados à organização Al-Qaeda e desejam a deposição do ditador. Entretanto, têm como perspectiva um país fundamentalista e religioso, pensamento que os leva a atacar, matar e perseguir os demais rebeldes.

Os outros, contrários à ideologia dos grupos fundamentalistas, também visam a queda do poder, mas por uma nação democrática, laica e com igualdade de direitos para homens e mulheres.

Quanto ao futuro da Síria, a historiadora espera que não haja intervenção externa, po-



Guerra deixou mais de 146 mil mortos na Síria



Refugiado pede mais democracia e liberdade

rém, vê como uma alternativa a ajuda de organismos internacionais de simpatizantes com a causa dos rebeldes. “O que a gente mais quer é paz e que termine esse conflito que destruiu um país maravilhoso e com um povo tão afável. Realisticamente isso é um desejo, mas também não vejo saída em curto prazo”, conclui.

Em São Paulo, a ONG responsável por supervisionar a ação internacional em favor da proteção dos refugiados é

a Caritas, que possui parceria com o Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). Em seu site oficial, a organização pede ajuda dos paulistanos por meio de uma campanha-piloto para arrecadar itens de higiene pessoal para famílias de estrangeiros que estão em condição de refúgio. São necessários artigos básicos, como sabonete e pasta de dente.

As doações podem ser feitas no endereço Rua Venceslau Brás, 78, 2º andar, das 8h30 às 17h30.



# Um pedaço da Bolívia em São Paulo

Cerca de 18 mil bolivianos formam a segunda maior colônia de estrangeiros dentro da capital paulista

TAVANE GUSMÃO

Com um português carregado de sotaque espanhol, o boliviano Ivan Paukar, 23, conta que chegou ao Brasil há um ano. Acompanhado da esposa, Mariela Guerez, 20, veio da Bolívia em busca de trabalho e melhor qualidade de vida. Hoje, Ivan trabalha em uma casa de costura no bairro Armênia. Mariela, grávida de 7 meses, cozinha para aumentar a renda da pequena família. Enquanto caminha pela Feira da Kantuta, o jovem casal revela que divide uma casa de quatro cômodos, no Brás, região central de São Paulo, com nove pessoas desconhecidas.

Ivan e Mariela fazem parte da segunda maior colônia de estrangeiros em São Paulo. Os bolivianos ficam atrás apenas dos portugueses. Entre 2000 e 2010, o número de imigrantes vindos da Bolívia, registrados no censo, aumentou 173%, pulando de 6.578 para 17.960. No entanto, o Consulado boliviano, em São Paulo, amplia esse número com uma estimativa que varia entre 100 e 200 mil, ao considerar o expressivo número de imigrantes ilegais.

Com o menor índice de desenvolvimento humano (IDH) da América Latina, a Bolívia vive uma grave crise política, econômica e social. Este seria o principal fator para o fluxo migratório que começou timidamente por volta de 1960, com um acordo de intercâmbio cultural entre os dois países, e intensificou-se nos últimos anos, mais precisamente na década de 1990.

“Já morei três anos em São Paulo e voltei para a Bolívia, depois fui para a Argentina e há um ano estou no Brasil para trabalhar. Conheço vários brasileiros. Eles são muito amáveis. Ajudam a gente”, avalia Ivan.

As relações sociais não são prioridade para a maior parcela dos imigrantes bolivianos. A meta é trabalhar, juntar ou mandar dinheiro para os familiares na Bolívia, bem como comprar uma casa ou construir um projeto. Há um intenso movimento entre os dois países, muitos vêm e voltam. Entretanto, boa parte atribui a mudança ao fato de parentes já morarem no país.

“Vim para o Brasil há três anos. Minha filha, meu genro e meu neto já moravam em São Paulo. Queria ficar perto deles. Eles vieram, porque são médicos e aqui têm mais oportuni-



Feira tradicional oferece atividades culturais, gastronômicas e artísticas

dades de trabalho. Trouxe minha filha caçula comigo. Não tenho mais ninguém na Bolívia e não pretendo voltar”, afirma Mildred Rosário, 64, dona de casa e feirante.

## Servidão

Significativa parcela de imigrantes chega ao Brasil de forma regular, pelas linhas de ônibus ou aéreas que ligam as principais cidades bolivianas a São Paulo. Já os que se encontram no país irregularmente – sem documentação exigida pelo governo brasileiro – são, na maioria das vezes, trazidos por esquemas montados pelos donos de oficinas de costura.

No acordo, a viagem é financiada pelo empregador. Endividados, os imigrantes têm de trabalhar sob condições desumanas para pagar o valor da passagem. A jornada, normalmente, estende-se de segunda a sábado, de 10 a 15 horas por dia. Após esse período, eles passam a receber por peça de roupa produzida, o valor gira em torno de R\$ 0,50 a R\$ 3,00 por cada peça. Muitos trabalham exaustivamente por opção, dado o fato de receberem pelo que produzem.

“Após denúncias, encontramos, em uma oficina de costura, uma menina amamentando e costurando ao mesmo tempo, porque se ela não trabalhasse, não teria como criar

a filha, recém-nascida”, conta Daniel Santini, coordenador de jornalismo da ONG Repórter Brasil, organização que denuncia situações que ferem direitos trabalhistas no Brasil.

“Depois de trabalhar por um ano em uma oficina de costura na Penha, fui expulso sem receber pelo meu trabalho. Fui dormir na rua. Isso me faz ter muita mágoa da minha gente (bolivianos). Hoje, faço o que posso para ganhar dinheiro, mas não trabalho mais com eles”, lamenta John Gany, 28, vendedor de pães, que chegou há 8 anos no Brasil, ilegalmente, pela fronteira com o Paraguai.

## Preconceito

Normalmente, os bolivianos negam que sejam hostilizados pelos brasileiros. No entanto, a diferença cultural e a barreira da língua acabam por isolar grande parte dos imigrantes. Esta falta de contato favorece o processo de xenofobia, preconceito e violência, expostos nos inúmeros relatos que se sucederam na capital paulista nos últimos anos.

“Um retrato da discriminação é o *bullying* que as crianças bolivianas sofrem nas escolas brasileiras. Há diversos casos, principalmente na região do Pari, Brás e Bom Retiro, gerados, principalmente, por estereótipos que levam à segregação racial”, analisa Santini.



Comunidade boliviana reúne-se aos domingos na Praça da Kantuta

## Difusão cultural

Organizada pela comunidade boliviana residente em São Paulo, a feira acontece no entorno da Praça da Kantuta, a 700 metros da estação Armênia. O nome faz referência a uma flor vermelha, amarelo e verde, cores da bandeira do país. No espaço cedido pela prefeitura, são dispostas aos domingos, das 11h às 19h, cerca de 120 barracas repletas de objetos, comida e música boliviana.

“A Feira se tornou um ponto de encontro para a comunidade boliviana, é também uma oportunidade para os brasileiros conhecerem nossa cultura”, convida Renê Reinaldo Quíbert, presidente da Associação dos Feirantes Bolivianos.

Nas escolas da rede municipal de São Paulo, hoje, existem cerca de 2 mil crianças bolivianas matriculadas. É o maior número entre alunos estrangeiros.

Ivan e Mariela já sabem onde o filho deve crescer. “Quando

meu filho nascer, quero voltar para a Bolívia com minha esposa para criar ele lá. Aqui tem muita discriminação com as crianças na escola. Meu filho vai se sentir mal e não vai querer estudar”, desabafa o costureiro.

Fotos: Tavane Gusmão



# Brasileiros investem em intercâmbio

Em 2013, a maior agência especializada do ramo faturou mais de R\$ 290 milhões

ISABELLA BARBOSA

Em busca de novas oportunidades ou atrás de entender melhor as culturas estrangeiras, brasileiros de todas as idades apostam em intercâmbios. De acordo com a Belta (Associação Brasileira de Organizadores de Viagens Educacionais e Culturais), os destinos mais procurados são Canadá, seguidos por Estados Unidos, Reino Unido, Austrália e Irlanda. Com esta grande procura, que no último ano passou de 300 mil pessoas, as agências especializadas no ramo faturam cada ano mais.

Em 2013, a STB (Student Travel Bureau), maior agência ativa no país, fechou seus lucros em R\$290 milhões, quase 15% a mais do que em 2012. O gerente de vendas, João Cazeiro, 28, decidiu no final de 2013 investir em um intercâmbio para o requisitado Canadá. A escolha foi feita após uma série de pesquisas. Mesmo com cidadania italiana, preferiu não ir para países europeus, “Vendo as condições da Europa hoje principalmente financeiras, não me interessou muito.”

Gerente de uma das maiores redes hoteleiras brasileira, João e sua esposa Gisele, 29, viajaram em maio. Alugaram a casa recém comprada em São Paulo, pediram demissão de seus respectivos empregos e não pretendem voltar ao Brasil tão cedo. Diferente de muitos intercambistas que buscam apenas aprimorar a língua inglesa e voltar ao Brasil, “Quero trabalhar para viver porque aqui eu vivia para trabalhar!”.

Com um diploma do curso e inglês fluente, Natalia Silva, 23, voltou dos Estados Unidos em janeiro de 2013 após uma temporada de mais de um ano em Chicago. A estudante de Administração não se arrepende: agregou não somente a língua, mas a cultura americana, porém ainda não conseguiu se beneficiar deste adendo em seu currículo. “As empresas procuram mais. Mesmo com a fluência em inglês e espanhol, a falta de experiência profissional ainda conta mais.”

Ainda assim, os brasileiros não param de sonhar em deixar o país. Em março aconteceu a edição paulista da Eduexpo, maior feira de intercâmbio do Brasil, com dezenas de stands de universidades e agências. A feira recebeu mais de 20 mil estudantes nos dois dias de evento. Os espaços das filiais brasileiras especializadas não ficaram vazios, para obter informações sobre intercâmbios em Dublin, capital da Irlanda, era preciso enfrentar multidões de jovens sedentos por informes e panfletos.



Isabella Barbosa

Eduexpo ocorreu em 15 e 16 de março

Lucro

Apostando neste sonho, a agência STB possui números que chamam a atenção dos investidores. Mais de 60 mil pessoas já passaram pelas 70 lojas espalhadas pelo país. De acordo com a gerente de marketing da rede, Suzana Martins, a meta deste ano é superar 20% os números do ano anterior, somando mais 10 lojas até dezembro.

**O PERFIL** dos viajantes também mudou. Se antes estudar fora era sinônimo de jovens, hoje já não existe esta diferenciação. “Tivemos um crescimento de 30% no público acima de 30 anos nos últimos 2 anos. As pessoas vêm compreendendo que há um tipo de intercâmbio certo para cada perfil.” afirma a gerente. Os pacotes oferecidos são muitos, os mais procurados ainda são os cursos de idiomas, ensino médio e especializações. Os preços variam de acordo com o país escolhido, tempo de duração e curso escolhido, em média os valores são a partir de 5 mil reais.

## São Paulo recicla apenas 15% do óleo de cozinha

Volume reutilizado atinge 3 milhões de litros de resíduos por mês

ELISEU PAULINO

O Estado de São Paulo recicla cerca de 3 milhões de litros de resíduos de óleo de cozinha graças às iniciativas de ONGs e empresas privadas e ao crescente aumento da consciência à preservação do meio ambiente. Bares, restaurantes, hotéis e residências ainda jogam o resíduo direto na rede de esgoto, provocando entupimento da rede e poluição de rios, represas e até mesmo do solo. De acordo com a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), cada litro de óleo despejado em rios ou lagos polui mais de 25 mil litros de água.

Preocupados com isso, diversas entidades, empresas e consumidores criaram programas educativos e de reciclagem. Uma das iniciativas foi lançada pela Cargill, fabricante de óleo de cozinha. Denominado “Ação Renove o Meio Ambiente”, o programa tem como parceiros a Sabesp, o Carrefour e a ONG Trevo, pioneira no mercado em reciclagem de óleo vegetal. O destino final do resíduo é a produção de biodiesel.

Parcerias

O primeiro a aderir ao Programa foi o Carrefour, que tam-



Eliseu Paulino

Cristina Carmo deposita resíduo em ponto de coleta

bém já destina corretamente o óleo de cozinha usado pelos restaurantes da rede. Esse óleo é coletado pela USP e pela Bioauto, responsáveis pelo pré-tratamento e direcionamento às empresas produtoras de biodiesel. O combustível é posteriormente destinado aos geradores das lojas e aos maquinários agrícolas de fornecedores do Programa Garantia de Origem Carrefour.

A parceria possibilita o chamado “ciclo fechado”, pois o óleo é produzido pela Cargill, vendido pela rede supermercadista, utilizado pelos consumidores para

retornar ao Carrefour e ser transformado em biodiesel, um combustível limpo e renovável. “Conseguiremos destinar corretamente esse resíduo e gerar benefícios concretos”, afirma Gerard Eysink, gerente nacional de Garantia de Origem do Carrefour.

A Cargill mapeia empresas especializadas na coleta e processamento de óleo para expandir o projeto. “A intenção é ampliar cada vez mais as parcerias do Programa, de forma a ter pontos de coleta onde o consumidor de nossos produtos esteja presente”, explica Márcio Barela, analista de susten-

tabilidade para os produtos de consumo da empresa.

Os displays coletores são feitos de material reciclado. A garrafa deve ser deixada no coletor, sem a necessidade de despejo do óleo. A ONG Trevo faz a coleta desse óleo, que passa por um pré-processamento, e depois o envia para a produção de biodiesel. As garrafas PET também são recicladas e o material usado na fabricação dos próprios displays coletores.

Outra iniciativa surgiu em Santo André, no Grande ABC, com o Instituto Triângulo. A mobilização consiste em passar de casa em casa e orienta as pessoas sobre os impactos negativos do descarte incorreto do óleo. Os agentes ambientais também orientam os moradores sobre como armazenar o óleo usado para, em seguida, coletá-lo e transformá-lo em sabão.

“Todo o óleo coletado separado é encaminhado para a nossa Fábrica Verde e transformado em sabão, o que gera um resultado econômico que é aplicado em mobilização ecológica urbana”, explica Eduardo Maki, presidente do Instituto. Atualmente, o Instituto Triângulo coleta cerca de 30 toneladas do resíduo por mês e já mobilizou mais de 1,5 milhão de pessoas ao longo de 10 anos de existência.



# Vacina HPV gera polêmica

Especialistas e leigos questionam a eficácia de sua aplicação em adolescentes

FABIANA MOURA

No primeiro semestre de 2014 começou a campanha da vacinação contra a HPV (papilomavírus humano), doença transmitida, sobretudo, por via sexual que pode provocar a formação de verrugas na pele e nas regiões oral (lábios, boca, cordas vocais), anal, genital e da uretra. No caso das lesões genitais, as verrugas podem ser precursoras de tumores malignos, principalmente no colo do útero.

A campanha prevê a vacinação em meninas entre 11 e 13 anos, gratuitamente, tanto nos postos de saúde como nas escolas de todo o País. Porém, a ação do Ministério da Saúde gerou debates entre especialistas, pais, professores e líderes religiosos. A eficácia e os efeitos colaterais da vacina estão entre os temas discutidos.

Vários grupos de discussões e blogs surgiram nestes últimos meses para tratar do assunto, a favor ou contra a ação do governo, como é o caso do site Humanitatis, administrado pelo professor universitário e doutor em filosofia Robson Oliveira, que se diz completamente contra o programa de vacinação.

Uma de suas principais objeções é em relação à marca do produto que, segundo estudos, é ineficaz, pois não imuniza

contra o vírus, além de ter suspeitas de malefícios piores do que a doença. Robson destaca que a aquisição do medicamento pelo governo “foi cara demais para um resultado tão píffo, uma vez que o efeito da vacina cessa após o quinto ano da última aplicada, tornando a mulher novamente vulnerável à doença”.

## Polêmica

Já Isma de Sousa, formada em Ciências da Enfermagem, criou um grupo virtual intitulado Sou contra a Vacina HPV, em que os membros discutem as diversas razões contra a campanha lançada pelo Governo. A criadora da página alega que, apesar de não morar no Brasil, o que a motivou foram as propagandas veiculadas aqui, que apenas tratavam do lado positivo da vacina. “Minhas amigas falavam sobre essa vacina de forma positiva. Então me perguntei: essas pessoas não estão sabendo que a vacina também tem o lado negativo?” O que mais a intriga são efeitos colaterais da vacina, visto por ela como perigosos.

Quanto à questão religiosa, um padre, que preferiu não se identificar, alega que a aplicação da vacina só serve para deixar as meninas cada vez mais

descuidadas, opinião também de Robson e Isma, que acreditam que a melhor forma de prevenir o câncer do colo do útero ainda é o exame contínuo do Papanicolau.

O colégio Cenecista Mário Quintana, além de aderir à campanha, ainda contou com orientações e informações sobre as demais precauções. A orientadora do colégio, Chaiane Debona, ressalta que “a vacina, não substitui o uso de preservativos, assim como a realização do exame papanicolau, que deve ser feito anualmente, em especial pelas mulheres entre 25 e 64 anos.”

Em São Paulo, a meta é vacinar em torno de 808,3 mil de 11 a 13 anos, o que corresponde a um total de 80% deste público. Ela é aplicada em três fases, a primeira durante a campanha, a segunda seis meses após e, por último, um reforço depois de cinco anos.

Para receber a vacina, basta comparecer a um posto de saúde e apresentar a carteirinha de vacinação ou um documento de identificação. Outra forma é verificar o calendário de vacinação nas escolas e comparecer no dia.

Os pais ou responsáveis que não pretendem vacinar suas filhas devem assinar o “Termo de Recusa de Vacinação contra HPV”, distribuído nas escolas.



Fabiana Moura

Menina de 12 anos recebendo a 1º dose da vacina

# Acessibilidade é desafio no Brasil

Para 96% dos deficientes, houve pouca adaptação nas ruas e calçadas

CLAUDIA BOGOSSIAN

Cerca de 10% da população mundial - aproximadamente 700 milhões de pessoas - possui alguma deficiência física. O Censo 2010 apontou que 45,6 milhões de brasileiros, ou 23,9% da população, declararam ter ao menos um tipo de deficiência. Todos os dias eles enfrentam percalços nas vias públicas.

Após 14 anos da aprovação da Lei Federal nº 10.098/200, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, o direito de ir e vir ainda não é plenamente assegurado. Para Ronald Santos, 15, cadeirante desde os 4 anos, a liberdade acaba quando encontra diversos buracos nas ruas, calçadas não terminadas e falta de adaptações na escola onde estuda.

O primeiro parágrafo da Lei prevê a “possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos”, o que prevê a eliminação de barreiras arquitetônicas, como buracos, degraus, escadas, catracas, além de balcões e botões elevados.

**47% dos deficientes afirmam não ser bem atendidos pelo transporte público**

Pesquisa realizada em 2013 pelo DataSenado, com pessoas com alguma deficiência, aponta que poucas ruas e calçadas foram adaptadas. Para 37%, nada foi feito. Quando o assunto é o transporte público, 47% afirmam não ser bem atendidos. Os números são bem próximos à

realidade observada em SP.

A Lei Estadual Nº 11.263, de 12 de novembro de 2002, de conteúdo similar ao da Lei Federal, aponta calçadas, transporte público, ruas e sinalização como exemplos de objetos e construções arquitetônicas urbanísticas que podem e devem ser adaptadas para não se tornarem barreiras aos deficientes.

Segundo o geógrafo Mathews de Almeida Santos, 31, as transformações na cidade não são automáticas após a aprovação de uma lei, principalmente nos grandes centros urbanos. Ele ressalta que no “espigão financeiro” - área que compreende todo centro velho, a região da Avenida Paulista e o bairro do Brooklyn - as mudanças ocorrem de forma mais intensa. Porém, nas áreas periféricas e nos bairros residenciais, elas são mais lentas ou nem acontecem.

Portador de deficiência física desde 1982, José Paulo acompa-

nhou as transformações urbanas da cidade e viu as principais alterações ocorrerem nos ambientes privados e nas empresas públicas. Para ele, nos espaços públicos “foram adicionadas perfumarias com placas, avisos, rampas de acesso duvidosas etc.”.

Para o geógrafo, não há em São Paulo nenhum lugar totalmente adaptado às exigências da lei, porém, as grandes empresas estão à frente, pois possuem capital para alterar a estrutura das edificações e adequar mobiliários.

## Ações

Adaptar é uma ação comercial. Os shoppings e os cinemas, por exemplo, são os espaços mais adaptados, possuem vagas exclusivas, rampas, elevadores e banheiros especiais, itens que não deixam de ser uma forma de captar consumidores de um nicho específico.

A mobilidade urbana não é o ponto forte da cidade. Para quem possui algum tipo de deficiência física ou dificuldade de locomoção, a situação é ainda mais complicada. Mesmo para aqueles que possuem carro, ainda há barreiras, como a intolerância da população.

Segundo a lei federal, pelo menos 2% do total de vagas de um estacionamento de locais públicos e privados de uso coletivo devem ser reservadas para veículos que transportem pessoas portadoras de deficiência física ou visual, desde que devidamente identificados.

José Paulo e Ronald concordam que o número de vagas é suficiente para atender os portadores de necessidades especiais, porém a falta de educação e de consciência dos motoristas os impede de exercer seus direitos. “Pegam a minha vaga, mas a minha deficiência eles não querem!”, argumentam.



# Praça de lazer vira ponto de drogas

*Praça na Zona Norte é ocupada por usuários de drogas*

**JULIANA QUINTANILHA**

O bairro Vila Dionísia, que antigamente costumava ser tranquilo, hoje desperta preocupação nos moradores. Uma praça, antes usada como lazer para os moradores das redondezas, agora é um ponto de drogas. Até mesmo durante o dia, o consumo e a venda ocorrem descaradamente. Também há relatos de que alguns dos moradores da rua se envolveram com drogas e passam informações sobre seus vizinhos para assaltantes da região, o que gera roubos cada vez mais frequentes.

Cátia Rodrigues, 48, professora, é moradora da região há 45 anos e fala que a situação começou há dois anos. “Antes a praça era um lugar tranquilo e agora fico preocupada com as minhas filhas que passam por lá à noite quando voltam da faculdade”. Ela também descreve a situação com os usuários. “Fumam tranquilamente sem preocupação com ninguém e ficam de olho nas casas para verificarem o que tem para ser roubado”, diz.

Cátia conta que as autoridades já foram procuradas. “Infe-

lizmente estão tão normais as drogas por aí que os policiais não levam a sério. Eles veem, mas não tomam providências. Deveriam abordar esses jovens, pois tem até menores envolvidos. Aqui não tem ronda”.

Para Letícia Alves, 19, estudante de Design e moradora há 19 anos na região, a praça era um local onde seus avós a levavam para brincar e, hoje, as crianças não podem mais fazer o mesmo. “De manhã, quando saio para trabalhar, eles já estão lá na praça e, quando volto para casa à noite, eles ainda estão lá. Fico com medo”, conta Letícia. Ela acredita que deveriam reforçar o policiamento na região para a praça voltar a ser um lugar de lazer.

## Polícia

Moradores que não quiseram se identificar contam que na rua há uma casa que foi assaltada três vezes. Os habitantes, cansados dos assaltos, resolveram colocar a casa à venda no início de 2013. Porém, a situação está tão perigosa que o imóvel não foi vendido.

Segundo a policial Marlene Araújo, que trabalha há 19 anos



Praça do bairro Vila Dionísia é ocupada por usuários de drogas

como policial e já esteve três vezes na região, é um ponto com bastante tráfico. “Pontos de drogas são chamadas biqueiras, existem muitas espalhadas, mais de uma por quarteirão”. Ela comenta que há diversas formas de agir e uma delas é abordar em patrulhamento de rotina. “Outra forma é fazer a denúncia, identificada ou anônima. Ali vendem em pequenas quantidades. Se caso a viatura chegar e abordar, o que provavelmente ele tem não caracteriza tráfico, por isso sempre buscamos nos arredores de onde abordamos os indivíduos”, afirma Marlene.

O policial Gabriel Ghisi complementa: “Quando tem

esses excessos de furto, roubo e uso de drogas, tem que sempre ligar para 190.” Ghisi afirma que a polícia vai ao local e registra as ocorrências no COPOM. “Isso chama atenção de quem faz os planos de operação. Quando virem que está acontecendo muita ocorrência na mesma rua, vão pedir uma intensificação de policiamento pela via”, diz.

O policial Ghisi também explica como é o procedimento de apreendimento de indivíduos com drogas. Ao abordarem os indivíduos, com certa quantidade de drogas, não falam o que é aquela droga. “Nós falamos somente o que aparenta ser, pois só quem dá o laudo e diz o que

é mesmo, é a polícia científica”, diz. Após prenderem o suspeito e a droga, levam para o departamento policial, dando ciência para o delegado. “Eles fazem uma constatação da droga, que é uma ‘experiência’ ou se não, levamos no instituto de criminalística e depois de constatar, sai tudo por escrito no boletim de ocorrência da polícia civil e dependendo ele ficará preso”, esclarece Ghisi.

De acordo com Ghisi, quando os moradores virem os assaltantes, ou até mesmo os usuários, devem anotar características, como cor de pele, cabelo e roupa, para ajudar o trabalho da polícia na identificação.

## Professores enfrentam agressões

*Depressão, estresse e síndrome do pânico são os principais problemas*

**LETICIA RIBEIRA**

O número de agressões a professores em sala de aula nas escolas da Grande São Paulo está crescendo, de acordo com a Secretária de Estado da Educação. Somente em 2012 foram feitas 14 ocorrências do tipo por dia. Uma pesquisa do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) aponta que 44% dos professores já sofreram algum tipo de violência em suas escolas.

A mais comum é a agressão verbal, relatada por 39%. O assédio moral chega a 10%, enquanto os casos de agres-

são física aconteceram para 5% da categoria. O bullying foi citado por 6% dos professores, enquanto outros 5% passaram por discriminação ou foram furtados. A pesquisa foi realizada pelo Instituto Data Popular no primeiro semestre de 2014 e ouviu 1,4 mil professores do Estado.

“Normalmente o professor que sofre agressão é aquele que está trabalhando com responsabilidade, quer o melhor para aluno, uma qualidade de ensino e o mesmo acha que o professor está dando notas baixas por perseguição”, explica o professor Anderson Souza, que leciona há 9 anos na rede es-

tadual.

Priscila Procópio, especialista em distúrbios de aprendizagem, revela que os incidentes aumentam a quantidade de afastamentos. Na maioria das vezes, estão ligados a problemas psicológicos, como depressão, estresse e síndrome do pânico.

É o caso da professora Janice Silva, que lecionava desde 1991 e está afastada há quatro anos. Em 2008, ela pegou somente as turmas da oitava série, com horários que considera horrível, com as primeiras aulas da manhã e as últimas no período da tarde. “Eu tinha crises terríveis, que não sabia o que era. Uma

vez tive um desmaio na sala de aula”, conta.

A escola em que trabalhava já apareceu em diversas reportagens, justamente pela alta incidência de casos de agressão. Janice conta que os alunos da oitava série abusam, “pois não sabem escrever, nem ler, e foi fácil passar de ano. Então, para que respeitar o professor?”, indaga.

Janice não descobriu o que tinha e os problemas pessoais também influenciaram. Ela não aguentou continuar no trabalho. Depois de algum tempo foi diagnosticada com labirintite e, mesmo assim, continuou trabalhando. Resolveu procurar por um psiquiatra e recebeu atestado de afastamento por tempo indeterminado. O diagnóstico foi “ansiedade não generalizada”.

Janice também consultou um otorrinolaringologista, que afirmou que ela não pode passar por estresse, barulho,

ficar muito tempo em pé e precisa se alimentar e tomar água a cada três horas. Hoje, ela não reúne condições de voltar à sala de aula. “Tenho medo de não conseguir trabalhar nem na secretaria, ou em outra função, pois ver os adolescentes em bandos me dá arrepio e o barulho me causa crises de labirintite”, diz.

O tratamento é feito com medicamentos que a deixam mais calma. Houve um pedido de readaptação que foi concedido, mas ela continua de licença. “Dizem que professor aguenta 12, 13 anos e, depois, fatalmente, todos têm problemas de saúde. Problemas psiquiátricos, tendinite, calo nas cordas vocais, entre outros. É triste, nosso fim e nossa situação”, conclui.

Segundo o Departamento Estadual de Perícias Médicas (DPME), no ano de 2012 foram registrados 117.257 afastamento de docentes.



# Trabalho voluntário cresce no Brasil

Cerca de 18 milhões de brasileiros ajudam o próximo sem qualquer remuneração

**PAULA MONTEIRO SPINOLA**

Você já pensou em fazer algum trabalho voluntário? Segundo uma pesquisa realizada pela CVSP (Centro de Voluntariado de São Paulo), 25% dos brasileiros já fizeram trabalho ou participaram de alguma ação voluntária fazendo o bem a alguém de maneira espontânea, sem esperar algum tipo de remuneração em troca.

Um estudo realizado pela organização britânica CAF (Charties Aid Foundation) mostra que, mesmo ocupando a 83ª posição no ranking dos países mais generosos em doações, o Brasil está entre os dez países com maior número de voluntários do mundo, com cerca de 18 milhões.

De acordo com a ONU (Organização das Nações Unidas), o voluntariado é capaz de beneficiar toda a sociedade, pois fortalece a confiança, a solidariedade e a reciprocidade entre as pessoas.

Há diversos meios para aprender sobre o assunto. O CVSP é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos que faz parte de uma grande

rede de centros de voluntariado em todo o Brasil. O centro ensina as pessoas por meio de palestras de sensibilização, oficinas e cursos. O maior objetivo é o incentivo e a consolidação do trabalho voluntário.

Para a diretora do Centro de Voluntariado de São Paulo, Silvia Maria Louzã Naccache, 56, “as pessoas têm que ter consciência que o voluntariado é feito de forma muito comprometida, com responsabilidade. Não é uma coisa que eu faço do jeito que eu quero, na hora que eu quero. O voluntário precisa estar ciente dos direitos e deveres”.

## Ajuda

A atividade no Brasil é regulada pela lei 9608/98. Para se tornar um voluntário, basta querer ajudar. Cada um contribui na medida de suas possibilidades. As ações desempenhadas podem ser relacionadas à assistência social, objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos ou recreativos, sempre de acordo com a necessidade de cada comunidade.

Edivania Silva, 26 anos, é voluntária nos hospitais da região

do Jabaquara. Ela faz visitas com um grupo religioso, em que eles tocam músicas para pacientes, conversam, contam histórias e brincam. “O que me motiva é saber que sou um agente transformador de vidas, e ainda saber que posso ajudar alguém com muito pouco. É só ter força de vontade e enxergar a necessidade do próximo” afirma.

Victor Fonseca, estudante de 19 anos, já fez vários trabalhos voluntários. Atualmente, participa do projeto Cracolândia, um trabalho na Cracolândia, no centro da cidade. Jovens, adultos e idosos vão até as pessoas usuárias de drogas, sem moradia e sem comida, levando ajuda e esperança. “As pessoas com as quais trabalho têm uma história incrível: ex-dependentes químicos, ex-namorada de traficante, condenados pela justiça. Uma das coisas que mais me motiva são os frutos, as vidas transformadas. A alegria do voluntário é isso, ver que seu esforço valeu a pena”.

Para saber mais, acesse:  
[www.voluntariado.org.br](http://www.voluntariado.org.br)  
[www.onu.org.br](http://www.onu.org.br)  
[www.voluntariosonline.org.br](http://www.voluntariosonline.org.br)

Paula Monteiro Spinola



Grupos de voluntários realizam várias atividades, como o de música na área da “cracolândia”



Camila Priscila

Equipe caracterizada e preparada para iniciar as atividades

## “Mensageiros da Alegria” leva esperança a doentes

Grupo de voluntários utiliza a irreverência do palhaço para animar hospitais e instituições

**CAMILA PRISCILA**

**Voluntários**

Quanto vale o sorriso de uma criança, conseguir tirar um paciente de uma cama de hospital ou mesmo a felicidade do familiar? São conquistas que não têm preço. Os Mensageiros da Alegria são um grupo de voluntários que conseguem realizar essas proezas. Utilizam suas tardes atrás de uma única missão: melhorar a vida do próximo. São quase duas décadas de dedicação, recuperação de doentes e transformação de voluntários em cidadãos melhores. Seja nos corredores de um hospital, orfanato, ou até mesmo num ônibus, a alegria do grupo contagia.

O Grupo Teatral Mensageiros da Alegria foi fundado em 1995 com o objetivo de criar cenas e ações lúdicas em territórios inusitados como hospitais e instituições de apoio à criança e ao idoso, levando arte e cultura em forma de teatro para comunidades carentes. Acreditam na arte do Clown e do Palhaço como modificadora do ambiente e mesclam técnicas para desenvolver e trabalhar a presença física e mental do paciente.

De segunda a sexta-feira, os mensageiros saem às ruas para vender cartões. Eles são simples, compostos de um poema e uma foto, e vendidos a R\$3. Com esse dinheiro, os voluntários conseguem visitar hospitais e orfanatos. A rotina é cansativa, mas recompensadora. É o que garante Fernando José Pimenta, 32, mensageiro da alegria há 4 meses.

O grupo surgiu da iniciativa de Arlete de Abreu, 39, coordenadora do projeto. Na época, ela era estudante de teatro e queria levar peças para os pacientes de hospitais. Como a maioria dos internos não podia levantar da cama, as apresentações deveriam entrar nos quartos.

Os beneficiados não são apenas os visitados, mas os próprios mensageiros. Arlete garante que todos os voluntários mudam depois de cada visita: tornam-se mais comunicativos e menos envergonhados. Já visitaram diversos hospitais da cidade de São Paulo e já receberam convite para vários outros, mas ainda precisam de muita ajuda e muitos voluntários para avançar nessa empreitada.

Atualmente, eles têm um trabalho fixo no Hospital São Lucas, em Diadema. As vistas ocorrem às terças, das 12h às 16h, onde realizam apresentações teatrais, escultura de balões, contam histórias, enfim, divertem os pacientes, independentemente da faixa etária. Segundo a direção do hospital, o trabalho traz benefícios aos pacientes e, depois das visitas do grupo, o índice de recuperação aumentou expressivamente.

Criatividade e desinibição são os elementos necessários para que o trabalho seja feito. “O trabalho é árduo, mas vale a pena”, garante o voluntário Fernando José Pimenta.



ALAN VICTOR SOUZA

O Brasil é o País com o maior número de japoneses e descendentes fora do Japão. Além da participação no desenvolvimento econômico, eles trouxeram sua arte, costumes e ajudaram a formar a miscigenação do povo brasileiro.

O bairro da Liberdade é considerado o maior reduto da comunidade japonesa no País. Repleto de lojas e restaurantes, o bairro tem iluminações características do Japão, além de hospitais e bancos com a grafia do país, além do português.

Nobue Nishimura, 52, e Haruo Nishimura, 54, são descendentes de japoneses e moram em São Paulo desde que nasceram. Casados, fazem parte da terceira geração da família e possuem uma loja de artefatos. “Já trabalhamos em outros ramos do comércio, mas nada melhor do que estar envolvido à cultura todos os dias”, afirma.

Apesar da tradição da família, eles também são adeptos dos costumes brasileiros. “Gosto da culinária baiana e de comer feijoada e carne de porco”, diz Nishimura.

Segundo a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes de São Paulo (Abrasel-SP), a cidade conta com mais de 600 restaurantes japoneses. São produzidos cerca de 400 mil *sushis* por dia, o que consolida como a capital do sushi.

Cultura

Além da culinária, os jovens brasileiros aderiram aos *animes* e



Jardins, comércios e bancos possuem ideogramas em japonês, além de luminárias que caracterizam a cultura oriental

# Arte e culinária japonesa são destaques no centro de SP

*Maior reduto oriental fora do Japão, bairro da Liberdade oferece festivais de mangás e animes; cidade é a capital nacional do sushi*

*mangás*. Eles estão presentes em diversas lojas de roupas e acessórios. Luis Alves, 26, trabalha com customização de camisetas, tocas e almofadas. “Os principais clientes são adolescentes em busca de acessórios diferentes”, revela Alves. “Não é porque eu sou brasileiro que eu não posso me interessar por algo de

outro país. As histórias e enredos prendem a atenção, além de ensinar sobre um pouco mais da história e cultura da população japonesa”, completa.

Priscila Maia, 21, assiste e acompanha histórias de *mangás*. “Os japoneses usam um cenário surreal, mas ao mesmo tempo traz nossa realidade, totalmente

contrário dos desenhos brasileiros e americanos, que possuem trapaça, vingança ou alguma forma de dar bem na vida”, argumenta.

Para ela, toda criança deveria assistir aos desenhos japoneses. “Os *mangás* ou *animes* japoneses não são meros desenhos infantis. Todos passam uma mensagem de superação, amizade

e amor, na maioria das vezes”, enfatiza Priscila.

A cidade de São Paulo é palco de atrações internacionais voltadas ao público que gosta de cultura oriental. Eventos como *Anime Friends*, maior festival do gênero na América Latina, acontecem anualmente com dubladores, shows, concursos e palestras.

## Comércio especializado ganha destaque na cidade

Vila Mariana agrada a moradores e frequentadores com pólo comercial voltado a diferentes culturas

FABIANA ROSA  
MARCELA COSTA

O Estado de São Paulo detém 33% do PIB brasileiro. Sendo considerada uma das cidades mais diversificadas do planeta, os estabelecimentos comerciais da capital não poderiam ser diferentes.

O bairro da Vila Mariana, por exemplo, possui um comércio para todos os gostos e abriga restaurantes de diversas etnias.

Dentre as variadas opções, estão o Al Basha, com especialidades árabes, Per Paolo, de comida italiana, e o Veloso Bar, reconhecido por possuir a caipirinha e a coxinha mais premiada de São Paulo. Outro exemplo é o Bistrô 28, fundado pelos irmãos João e Renato Ragna. A

cozinha consiste na união da gastronomia contemporânea com um toque especial brasileiro. João Ragna, 30, diz que o local está em constante mudança para agradar os frequentadores.

No setor de confecção, o bazar Túnel do Tempo é, além de brechó com inspiração hippie, um bar. Violeta Eusébio, 28, empresária, conta que sua mãe é a fundadora, criou o conceito e escolheu o lugar por ser um bom ponto comercial. O público é bem diversificado, de idosos adolescentes. “Em algum tempo vamos agregar outras coisas, como galeria de arte, uma pequena floricultura e um espaço para restaurante”.

Os moradores e visitantes ainda podem contar com o bar Casa na Praia, com o ambien-

te de um quiosque à beira-mar. Alexandre Sabóia, 39, empresário, diz que tem como objetivo oferecer um local agradável e relaxante para os clientes, sem ter que ir ao litoral.

Com mais de 20 anos de tradição, o Andaluza é especializado em sobremesas com um toque espanhol. Maria Lúcia, 32, gerente do local, comenta: “Sempre há uma nova sobremesa para os fregueses”. Por conta dos polos educacionais, alguns comércios são afetados no período de férias.

O recém-inaugurado bar Gibi é o primeiro bar de São Paulo voltado exclusivamente para o público geek. Os frequentadores contam com videogames, centenas de histórias em quadrinhos, exposições



Comércio especializado e temático cresce na região

de bonecos, loja, bar, café e o Secret DJ, aplicativo onde o cliente pode interferir na música do ambiente e transmissões de séries. Tiago Almeida, 34, é o proprietário do local. “O Gibi serve para as pessoas discutirem ou assistirem ao final de séries e fazer workshops”, comenta.

O público geek tem a chance de jogar em 12 consoles dos anos 80 e 90, como os clássicos Telejogo, Atari, Master System, Mega Drive e Super Nintendo. “Este bar representa meu futuro. É nesse lugar que eu quero acordar e ir, é um meio de trabalhar com o que gosto”, acrescenta.



# A recompensa do crime

*Essencial para muitos leitores, o gênero policial nacional começa a ganhar um novo rosto*

**THAIS SILVA DE OLIVEIRA**

Um crime, pistas, mistério, um detetive. Esses são alguns dos ingredientes dos livros policiais. Para os leitores do gênero, 2014 é um ano excelente. Além de grandes escritores internacionais que terão livros lançados ou reimpressos, a literatura nacional deixa o silêncio e a discrição para ganhar os holofotes com um novo talento.

Ao passar por bancas de jornal da cidade de São Paulo é fácil encontrar obras de uma típica vozinha. Mas não se engane: a britânica Agatha Christie é considerada a rainha do crime. Seu reinado existe há mais de 90 anos e, se depender de editoras brasileiras, não terá data para terminar, pois as histórias de Hercule Poirot e Miss Marple são reeditadas e relançadas.

Outro escritor internacional que terá reedições no decorrer do ano é George Simenon. Os direitos de suas obras foram adquiridos pela Companhia das Letras. Segundo o editor Flavio Moura, a editora publicará ao longo do ano oito livros de Simenon.

## Leitores

O gênero policial é um dos mais populares do mundo, mas britânicos e norte-americanos têm uma grande fatia do mercado literário. No Brasil, apesar de escritores como Garcia Roza, Jô Soares, Patrícia Melo e Tony Bellotto, a literatura policial ainda não tem tanta força entre o público.

Para os jovens leitores Victor Fraga, 21 anos, e Thais Vieira, 25 anos, falta divulgação e visibilidade nas livrarias. Victor, apesar de ser um apaixonado pelo estilo, nunca leu autores nacionais: prefere os clássicos britânicos. Já Thais é fã de autores contemporâneos, como Patrícia Cornwell, Harlam Coben e Stieg Larsson. Por trabalhar em uma livraria, Thais teve uma surpresa ao encontrar “Suicidas”, do autor nacional Raphael Montes.

Logo de cara ela se interessou, comprou e devorou. Apaixonou-se pela forma de escrever de Montes e, assim que o segundo livro do autor,

“Dias perfeitos”, apareceu nas livrarias em março, ela não perdeu tempo e já leu também. Thais considera Raphael um gênio. Sua dica para outros leitores é: abandonem o preconceito e eliminem a ilusão sobre literatura nacional.

Raphael Montes cresce no mercado nacional. Aos 23 anos e finalista de três grandes prêmios nacionais, é formado em Direito e foi um dos responsáveis por levantar a literatura do gênero policial no Brasil.

Seu segundo livro será lançado em 2015 nos EUA e na França pela editora Penguin, novo braço da Companhia das Letras. Também já vendeu suas obras para serem adaptadas para as telonas.

Raphael ganhou o apelido de “Príncipe dos Horrores” do jornal O Globo, foi descrito como “Prodígio do Crime” pela Folha de S.Paulo, ganhou destaque no Estadão e foi elogiado por autores nacionais e pelo escritor americano Scott Turow.

Segundo o editor Flavio Moura, Montes é uma das apostas da Companhia das Letras. Sua segunda obra lançada pela editora teve tiragem inicial de 10 mil exemplares, mais do que o triplo da média para jovens autores, que normalmente é de 3 mil exemplares.

Apesar de estar radiante por ter disputado prêmios importantes e pelo reconhecimento da crítica, o jovem escritor mantém os pés no chão. Para Raphael, o leitor vem em primeiro lugar. Ele procura escrever obras totalmente diferentes para agradar seu público, além de manter um contato muito próximo com o leitor através das redes sociais para ouvir elogios, sugestões e tirar dúvidas.

Como bom escritor, Montes também é leitor do gênero policial e acredita que a literatura policial brasileira vive um ótimo momento, ainda que continue a engatinhar. Para ele, nunca houve uma tradição literária do gênero por aqui, como acontece em outros países. Mas pouco a pouco, autores ganham espaço para firmar o que se pode chamar de “literatura policial brasileira.” A tendência, segundo Raphael, é que o gênero se consolide no Brasil.



Raphael Montes, escritor de 23 anos é um dos novos talentos da literatura policial

## São Paulo tem museu de tatuagem

*A ornamentação dos corpos é uma forma de linguagem do ser humano desde os primórdios*

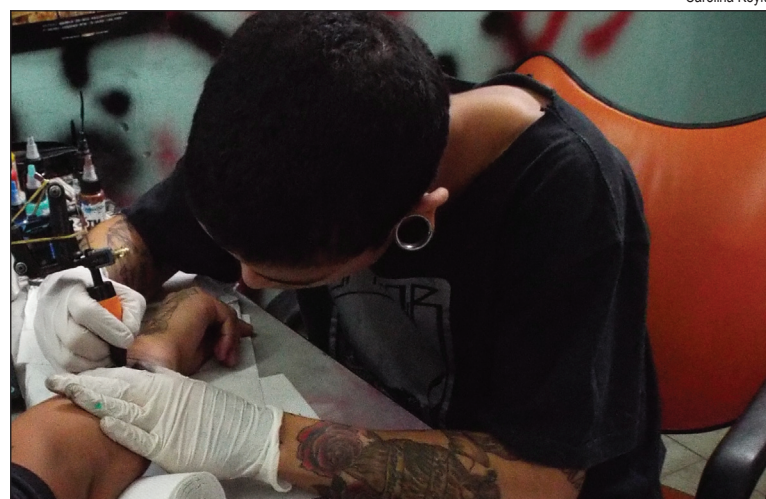
**CAROLINA KEYKO**

A história da tatuagem no Brasil tem como ponto de partida as obras do primeiro tatuador aportado no País em 1959, o dinamarquês Knud Harald Lykke Gregersen, mais conhecido como Lucky Tattoo. Ele foi o criador do primeiro estúdio profissional.

Élcio Antônio Sorrentino Sespede, conhecido como Polaco, 46, é tatuador desde 1983 no estúdio Polaco Tattoo Shop. Em 2004, no primeiro andar do Prédio Cadete Galvão, tombado como patrimônio histórico no Centro de SP, criou o primeiro e único museu da tatuagem brasileira, o Museu Tattoo Brasil. A criação ocorreu durante a primeira edição do São Paulo Tattoo Festival, evento que traz artistas de todo o mundo.

“Com 16 anos já tinha uma vontade enorme de me tatuar. A tatuagem era uma coisa cara, e eu não tinha condições financeiras”, conta Polaco, que hoje possui 34 tatuagens. Ele afirma que, no início, a sociedade era “preconceituosa ao extremo. Minha clientela era formada por punks, prostitutas e ex-presidiários”, lembra.

Para o tatuador iniciante Allan David, 22, “satisfação pessoal é tudo”. Seu primeiro desenho foi escondido dos pais. “A expressão carpe diem (aproveite o momento) foi bem na barriga. Na época, o preconceito da família era grande”. A segunda



Polaco tatuando cliente

foi uma coruja. “Eles odiaram”, diz. Hoje, possui 25 tatoos.

A vontade de começar a tatuar surgiu da influência das bandas de rock e os corpos tatuados dos integrantes. “Eu fiz um workshop no Lado B Estúdio, uma das poucas escolas de tatuagem em SP. Depois só rabiscando e treinando, é difícil para caramba”, conta Allan.

O preconceito na ideia de marcar o corpo é grande, tanto por parte das famílias quanto da sociedade. “Meus pais questionaram: por que tantas?”. Porém os desenhos não atrapalharam Allan a conseguir empregos para investir na sua carreira como tatuador.

Já o estudante Matheus Gomes fez sua primeira tatuagem aos 16 anos, sua idade atual, e já conta com 15 tatuagens. “Foi meio assustador no começo, mas depois você acostuma”,

afirma. “Só a minha mãe não gostou muito. Depois ela aceitou e também fez uma”. Matheus acredita que as tatuagens podem lhe causar problemas no futuro para conseguir empregos, mas diz que vai começar a tatuar esse ano.

O Museu Tattoo Brasil conta com um acervo que reúne mais de 460 itens: fotos, quadros, esculturas, réplicas e máquinas antigas para desenho, além de equipamentos de Lucky Tattoo, responsável pela introdução das máquinas elétricas no país. Vale também conferir as máquinas improvisadas criadas na Rússia com toda o tipo de material, como cordas de violão e seringas.

**Serviço:**  
Museu da Tatuagem  
Rua 24 de Maio, 225, 1º andar,  
centro de São Paulo.



# Nunca é tarde para estudar

*Pesquisa revela que um em cada quatro estudantes do nível superior no Brasil têm idade superior a 40 anos; maioria é composta por mulheres*

**JOSEANE OLIVEIRA**

Elas são uma minoria entre vários jovens de 18 a 30 anos. Mas isto não foi obstáculo para realizar o sonho de ingressar no ensino superior. A presença de estudantes acima de 40 anos cresceu nos últimos dez anos.

De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira (Inpe), um em cada quatro estudantes de universidades brasileiras possui mais de 40 anos, totalizando cerca de 600 mil alunos em todo o Brasil.

Segundo o Ministério da Educação, o crescimento também equivale a pessoas acima de 50 anos. Em dez anos, o aumento foi de 73%. De pessoas acima desta faixa etária, foi de 182%.

Cleusa Sakamoto, 56, psicóloga e professora da FAPCOM, esclarece sobre o perfil destes estudantes e seus objetivos. “Estes alunos querem resgatar os estudos interrompidos e buscam com a graduação atender as exigências do mercado profissional e obter a sua realização como pessoa,” conta.

Os cursos de graduação tecnológica em ensino superior estão entre os preferidos dos alunos acima de 40 anos. Segundo Cleusa, a maior dificuldade destes estudantes é conciliar os estudos com o trabalho e a família. “Muitos alunos optam por cursos tecnológicos devido à sua curta duração e à mensalidade mais acessível.”

É o exemplo da vendedora Rosiney Pereira, 48 anos. Rosiney cursa a sua primeira faculdade e escolheu uma graduação tecnológica em ensino superior por causa da disponibilidade de tempo. “Com este curso, posso conciliar o meu trabalho, família e a rotina dos estudos”, aponta.

Iniciar uma graduação pode não ser uma tarefa fácil para quem há anos não cursa uma universidade. São novos conhecimentos, novas ferramentas e novos colegas de classe. Tudo isto se torna um desafio para os calouros de meia e 3ª idade. “No início tive muitas dificuldades em adaptação tanto com a tecnologia, como com os colegas de sala. Tive que aprender novos cursos de informática e entender os comportamentos desta nova geração”, afirma.

A entrada na faculdade é adiada pela escolha da mãe em querer cuidar dos filhos. Quando ocorre a estabilidade financeira e pessoal, é hora de correr atrás do tempo perdido.

Jânia Maria Santos, 53 anos, técnica em Enfermagem, é estudante de filosofia da FAPCOM e mãe de dois filhos. Concluiu o ensino médio e o curso técnico, mas só conseguiu ingressar na faculdade 32 anos depois. “Quando minha filha terminou a graduação de engenharia civil, achei que era o momento exato de realizar o meu sonho, que há tempos almejava”, conta.

Em relação à escolha da faculdade, Jânia procurava uma instituição que tivesse ênfase em comunicação social: “Acredito que o filósofo também é um comunicador e uma faculdade com esta especialização prepara o aluno para este fim,” aponta.

As instituições devem estar preparadas para receber e instruir os alunos desta faixa etária. De acordo com a professora Cleusa, “este é o momento em que muitos deles buscam a sua realização pessoal e profissional, por isto, há ainda uma grande insegurança diante da sociedade e a sensibilidade de terem que concluir o estudo na velhice”, afirma.

Rosiney e Jânia já estão com planos para o futuro e não querem parar os estudos tão cedo. Rosiney pretende realizar uma pós-graduação na área e também uma segunda graduação em Psicologia. Jânia busca uma especialização na área de Letras e almeja trabalhar como crítica literária.

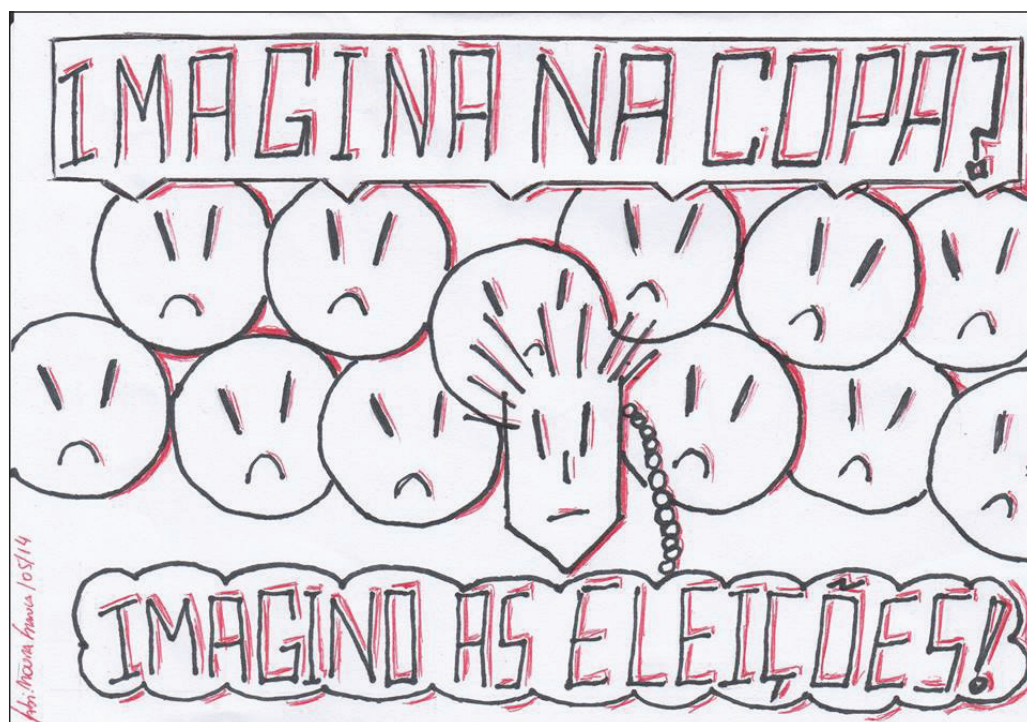
Há tempos a universidade deixou de ser privilégio a pessoas com alto poder aquisitivo. Nos últimos vinte anos foram criados vários programas universitários que oferecem bolsas de 50 a 100% para quem deseja ingressar no ensino superior, tais como: PROUNI, SISU, Escola da família, PRONATEC, SISUTEC, além do Financiamento estudantil (FIES) e faculdades que oferecem convênios com associações e empresas, além de descontos para ex-alunos e estudantes com uma graduação completa.



Joseane Oliveira

Jânia Maria Santos tem 53 anos e é aluna do 5º semestre de Filosofia na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação

## CHARGE





# Curso de multimídia incentiva criatividade

*Ser dinâmico e identificar tendências em múltiplas mídias são características fundamentais*

**BRUNA BARRETO**

No primeiro semestre de 2014, a Fapcom iniciou o Curso Superior de Tecnologia Multimídia. Com duração de 4 semestres, o tecnólogo vai aprender conteúdos referentes à produção editorial, design gráfico, tipografia, desenho, pintura, ilustração, fotografia, áudio, vídeo digital, animação, Internet, redes sociais e mídias interativas. “Escolhi multimídia justamente por mesclar vários conteúdos em um único curso”, explica Denis Nascimento, 22, fotógrafo e estudante da Fapcom.

Segundo o coordenador dos Cursos Superiores Tecnológicos da Fapcom, Sérgio Nesteriuk, o propósito é “for-

mar um profissional que saiba trabalhar com diferentes tipos de mídia, para diferentes propósitos, seja o de informar, comunicar, entreter ou interesse corporativo, de modo a atender diferentes necessidades das empresas”.

As aulas incluem disciplinas capazes de proporcionar aos alunos uma formação com referencial tecnológico e conteúdos que auxiliam o exercício de uma comunicação ética e inteligente. “Com foco maior em redes e meios digitais, pretendemos formar um profissional que saiba trabalhar nesses tipos de mídia. No caso, som, áudio, vídeo e texto”, diz Nesteriuk.

O aluno do primeiro semestre de multimídia, Andrew

Silva, 19, diz que, apesar de ser recente, o curso tem um ótimo nível de qualidade de ensino. “Assim como jornalismo tem nota máxima no Enade, creio que multimídia tem todo o potencial para chegar lá”, acredita.

## Futuro

Nesteriuk explica que o mercado é promissor, mas faltam profissionais que sejam qualificados. “O mercado é crescente, porque principalmente a internet e a transmídia carece de profissionais especializados. Normalmente são pessoas que migram de outras áreas e aprendem fazendo”, diz.

Do processo de criação até gestão de projetos para ambientes digitais, como sites,



dispositivos portáteis, mídias sociais e portais na Internet, estão inclusos na competência de um multimídia.

Conhecimentos comunicacionais adquiridos em uma graduação, e atrelados à tecnologia, tornam uma divulgação mais interessante. Para profissionais da comunicação, ser multimídia possibilita, dentre outras coisas, a boa administração de redes sociais e consolidação de marcas ou figuras públicas.

Estima-se que cerca de 100 milhões de brasileiros já são conectados e, até 2016, espe-

cula-se que 80% da população estará na rede. A expansão das mídias virtuais e a melhoria da banda larga fixa e móvel indicam uma perspectiva ainda mais promissora.

Sobre as principais tendências, Nesteriuk aponta o mobile. “Muitos dos acessos feitos na internet são por estes dispositivos (celulares). Pensar aplicativos para smartphones é completamente diferente de pensar para computador. O profissional precisa saber como utilizar isso a favor do seu projeto”, explica.

## FAPCOM promove o I Encontro de Egressos



**ISABEL A. DELALAMO E  
JACQUELINE OLIVEIRA**

O I Encontro de Egressos FAPCOM aconteceu no auditório da faculdade, 26 de março, e teve início com as boas-vindas do Pró-diretor Acadêmico Pe. Iraildo Alves de Brito. Durante a programação, ex-alunos convidados contaram suas experiências no mercado de trabalho após a formação.

Representando o Curso de Jornalismo participaram Carina Gomes, formada no primeiro semestre de 2013, e Daniel Santos, no segundo semestre. Fernando Ramos, formado no segundo semestre de 2012, e Pedro Tavares, no segundo semestre de 2013, representaram o Curso de Publicidade e Propaganda. O Curso de Rádio, TV e Internet foi representado

por Diego Freitas, formado no segundo semestre de 2012. E representando o Curso de Relações Públicas, o aluno Rafael Vergili, primeira turma de formandos da FAPCOM, no ano de 2009, e a egressa Roberta Atene, formada em 2012, segundo semestre.

Após a partilha de cada convidado, foi aberto um tempo para perguntas, sugestões para a FAPCOM e também uma oportunidade para troca de contatos.

Foi entregue a todos os participantes um questionário para atualização de dados cadastrais e acadêmicos e também para sugestões de próximos encontros.

A FAPCOM agradece a todos os ex-alunos que compareceram no I Encontro de Egressos, espera manter contato para futuras atividades e recebê-los em um próximo evento.

# Faculdade investe em cursos de extensão

*FAPCOM é exemplo da fusão entre disciplina, educação e tecnologia também nos cursos extracurriculares*

**ANDRÉ LUIZ CYPRIANO**

A FAPCOM iniciou sua atuação na área da Comunicação em 2005, por meio de uma iniciativa dos Paulinos, que desenvolveram o projeto para apresentar a sociedade um ensino voltado exclusivamente à comunicação.

Desde a sua criação, a FAPCOM possui o projeto dos cursos de extensão, que são realizados, preferencialmente, aos sábados.

Durante a semana também ocorrem palestras, sempre voltadas para a área da comunicação. Os participantes recebem certificados que são válidos como atividades de extensão.

Atualmente a faculdade investe na divulgação dos cursos de extensão, que foram plane-

jados pela instituição focados em cada habilitação. O objetivo é gerar uma continuidade dos principais cursos através de reuniões com os coordenadores de cada área. Segundo o padre Antonio Iraildo, as atividades extracurriculares visam ampliar o interesse pelo ensino não só dos alunos ou ex-alunos da faculdade, mas também de pessoas de outras instituições, e se tornar uma referência no projeto de extensão curricular do ensino na área da Comunicação.

O professor Claudenir Modolo, um dos coordenadores do projeto dos cursos de extensão, destaca que os professores que lecionam nesses cursos podem ser tanto da FAPCOM, como de outras instituições.

O planejamento do projeto é semestral, e ocorrem seis meses

antes de entrar em vigor. Para o professor Claudenir, “o próprio aluno deve se interessar pelas atividades extracurriculares para atender as demandas do mercado de trabalho”.

Ele destaca os cursos de vídeos institucionais, cursos de idiomas, jornalismo esportivo, oficina de teatro e o curso para a melhor idade.

A ex-aluna Patrícia Freire, 22, matriculada no curso de Vídeos Institucionais, informa que a grade não é idêntica à de uma habilitação. Para ela, “o curso de extensão é mais específico e o conteúdo é mais bem assimilado. É essencial para quem possui a vida corrida”. Alunos, ex-alunos e colaboradores da Pia Sociedade de São Paulo recebem o desconto de 20% nos cursos de extensão.